

Publicadores: Auribai de Moraes, Manuel
Vaz de Miranda Dr. José Arroio

Redacção, Administração e Oficinas:
AVENIDA DOS ALIADOS, 144, 148,
Telefones:

P. B. X. — (313-7314-7315. Estado, 16,
Fidal em Lisboa:

Rua da Misericórdia, 17-1.º andar.
Telefone: 22 269 Estado, 325

Endereço telegráfico: NOTÍCIAS—Porto.

Editor: CARLOS ROCHA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM BODO DE NATAL

Fui assistir, na véspera do Natal, a uma distribuição de vestuário num dos «bairros de lata» que ainda existem nesta cidade de Lisboa.

Não quero, porém, falar nem do bairro onde vejetam duzentas famílias, ali por detraz do cemitério do Alto de S. João, nem da imensa caridade dos que pacientemente confeccionaram os vários artigos distribuídos àquelas semi-nuas criaturas.

Tanto um como outro assunto dar-me-iam matéria suficiente para demoradas considerações. Mas outra coisa existiu naquela tarde friorenta de consolda, bem superior à miséria que vi e á beleza d'alma que a foi naquêlê dia mitigar.

Sobre essa outra magnífica realidade, sim, falarei, porque é muito cara ao meu coração e porque vejo nela uma grande, imensa esperança.

Fui procurado certo dia por um grupo de rapazes, alunos do Instituto Superior Técnico. Vinham pedir-me a indicação de alguns livros onde aprendessem coisas sociais. Emprestei-lhos. Depressa moços devolveram. Não era bem aquilo que desejavam... Queriam saber mais e melhor. Que lhes indicasse um livro muito bom, completo, que lhes desse a verdadeira noção do problema social no seu conjunto...

Livro nessas condições, respondi, só conheço um: a alma dos miseráveis. Estais dispostos a estudá-la?

Estavam prontos a tudo, porque sentiam fome de saber.

Combinadas as coisas, ei-los, nas horas vagas, roubadas ao descanso necessário, a bater de porta em porta, num dos bairros que o Governo mandou erguer para substituir as furnas de Monsanto, e o Bairro das Minhocas.

— Mas isso (disse-lhes um dia depois de feito o inquérito bastante completo e minucioso) já é vida suportável. Ali não aprendestes ainda tudo. Muito perto do vosso Instituto tendes um «livro» aberto á vossa ânsia de aprender: ide folhear aquelas páginas de tragédia.

Passados meses, uma das melhores barracas estava transformada em escola, uma outra em pósto de socorros e consultório médico. Foi nesta escola e neste pósto médico que se fez a distribuição do Natal.

Vi-os no trabalho. As crianças sorriam com affecto para os «senhores engenheiros». Um dêles organizou um improvisado orfeão com o qual encheu de sorriso a viela imunda que era a rua principal do bairro. Havia compreensão mútua, confiança, amizade. A cêna era bela! Emquanto tantos outros rapazes da sua idade se perdiam em pensamentos de prazer ou futilidades sem ideal,

aquêles sacrificavam tudo, para levar um pouco de bem-estar e alegria a infelizes irmãos seus, desagradáveis de aspecto, aliás.

No entanto, êles bem sabiam que todo o seu esforço e todo o seu sacrificio, a continuar por ali, será inútil. De pouco vale, em effeito, enxugar lágrimas a olhos que têm razão para continuar a chorar.

Porque motivo então tamanho e tão heróico sacrificio? Para bem aprender a lição!

E nisto está a nossa grande esperança. Aos primeiros, juntaram-se outros, de outras Faculdades, no mesmo anseio de saber, de serem úteis ao seu semelhante, de compreender a alma popular, de se lançarem francamente na vida com a chama da fé bem acêsa.

Salazar disse há pouco que o após-guerra será caracterizado pela grande «preocupação social». Ela vive já na alma do escol da nossa mocidade universitária.

Como será diferente o dia de amanhã quando êstes rapazes, dos mais classificados dos seus cursos, estiverem nos postos de comando, a julgar o mundo económico e social com a alma aberta ás grandes realidades da Vida!

O grande mal tem sido precisamente a incompreensão das classes.

Nem os patrões compreenderam nada da alma operária, nem o operário procura entender a mentalidade do patrão. Os novos futuros engenheiros — muitos dêles ao menos — já entendem a alma operária. Já falam com ela, de coração a coração. E isto pode transformar toda a vida social portuguesa.

Aquêlê bôdo de Natal, no «bairro de latas» do Alto de S. João, não foi um bôdo como os outros. Foi o despertar para uma vida nova dum escol de futuros dirigentes, que vão retemperando o caracter ao contacto escaldante da miséria dos seus irmãos.

Quere-nos parecer que ali, sim, se festejou o Natal ao agrado daquêlê Menino-Deus que nasceu numa espécie de barraca de latas, para ensinar ao mundo que o miserável também é um homem, digno de viver a plenitude da Vida.

ABEL VARZIM.